

# ★ RABINAL ACHI <sup>1</sup>

Tradução: Hugo Villavicenzio

O Rabinal Achi foi escrito originalmente em língua quiché e representa uma forma de drama ritual pré-hispânico do século XV pertencente à cultura maia. Foi originalmente conhecido como Xajooj Tun ou Baile do Tum.

## Personagens

Hobtoh: Chefe “Cinco-Chuva” – Senhor de Rabinal.

Rabinal Achi: “Varão de Rabinal” – Filho de Cinco-Chuva.

Guerreiro Quiché: “Quiché Vinak” – Filho do Senhor de Quiché.

Xocahau: “A Senhora” – Esposa principal do Senhor de Rabinal.

Princesa U Chuch Gug Raxon Yamanin Xtecok: “A mãe dos pássaros de penas verdes e das Esmeraldas preciosas”.

Ixok-mun: Serva de Rabinal Achi.

Servo de Rabinal Achi.

Doze Águias Amarelas: Guerreiros de Rabinal.

Doze Onças Amarelas: Guerreiros de Rabinal.

*Um grande número de outros guerreiros e servos de ambos os sexos também participa da dança. A ação desenvolve-se na fortaleza do “Fogo reunido pela víbora irascível que sobe rastejando”.<sup>2</sup> As cenas I e III acontecem na frente da fortaleza e as cenas II e IV no interior.*

### Cena I

*Exterior da fortaleza. Rabinal Achi dança rodeado por seus guerreiros Águias e Onças Amarelas ao som do tambor e das trombetas. De repente, surge o Guerreiro Quiché que pula no meio do círculo dançante e fala enquanto dança empunhando sua lança curta tentando atingir a cabeça do Rabinal Achi.*

**Guerreiro Quiché** Venha, príncipe depravado,<sup>3</sup> príncipe odioso! Será este o primeiro inimi-

go a quem não consigo cortar o tronco nem tirar a seiva, o Varão de Rabinal, senhor de Chacach, Zaman e Caük? Essas são minhas palavras perante os céus, perante a terra. Por isso não falarei muitas palavras. Que os céus e a terra estejam consigo, aguerrido Varão de Rabinal.

**Rabinal Achi** (*dança empunhando uma corda com a qual ameaça laçar seu adversário*) Assim seja! Valente guerreiro, Guerreiro Quiché! Assim falou sua palavra perante os céus, perante a terra: “Venha príncipe depravado, príncipe odioso! Será este o primeiro inimigo a quem não consigo cortar o tronco nem tirar a seiva, o Varão de Rabinal senhor de Chacach, Zamani e Caük?” Assim falou sua palavra? Se for verdade que os céus estão aqui, se é verdade que a terra está aqui, você entregou-se<sup>4</sup> à ponta da minha flecha, ao lenho do meu

escudo, à minha borduna yaqui, ao meu machado yaqui<sup>5</sup>, às minha rede, às minhas ataduras, à minha argila branca, às minhas ervas mágicas, à minha força e minha coragem. De uma forma ou de outra, vou jogar minha corda forte, meu laço forte perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra estejam com você, valente guerreiro, meu prisioneiro, meu cativo! (*enlaça e puxa seu adversário*)

*Interrompem-se a música e a dança. Durante um longo silêncio, os adversários encaram-se furiosos. Não há música nem dança durante a próxima fala do Varão de Rabinal, nem durante a resposta do Guerreiro Quiché.*

**Rabinal Achi** Salve guerreiro orgulhoso, meu prisioneiro, meu cativo! Agradeço ao senhor dos céus, ao senhor da terra.<sup>6</sup> Na verdade, foram os céus que o entregaram, a terra que o entregou à ponta de minha flecha, à canha do meu escudo, à minha borduna yaqui, ao meu machado yaqui, à minha rede, às minhas ataduras, à minha argila branca, às minhas ervas mágicas. Fala, revele onde ficam suas montanhas, onde ficam seus vales, se você nasceu na encosta da montanha ou no fundo do vale. Não é você o filho das nuvens, não é você o filho das tempestades? Você foi ou não foi empurrado pelas lanças, empurrado pela guerra? Isso é o que fala minha palavra perante os céus, perante a terra. Por isso, não falarei palavras demais. Os céus e a terra estejam com você, meu prisioneiro, meu cativo!

**Guerreiro Quiché** Oh céus, oh terra! Foi realmente isso que falou sua palavra, sua ridícula palavra perante os céus e a terra, perante minha boca e meu rosto? “Que sou um valente, que sou um guerreiro” assim falou sua palavra? Ora essa! Eu sou um valente, eu sou um guerreiro, eu fui empurrado pelas lanças e pela guerra! Mas, eis que sua palavra também disse: “Fale, revele onde ficam suas monta-

nhas, onde ficam seus vales”, assim falou sua palavra. Ora essa! Eu sou um valente, eu sou um guerreiro. Eu falaria para agradá-lo onde ficam minhas montanhas, onde ficam meus vales? Não percebe que nasci na encosta da montanha, na profundidade do vale, eu o filho das nuvens, o filho das tempestades? Ora! Eu falaria, revelaria onde ficam minhas montanhas, onde ficam meus vales? Oh, como as nuvens e tempestades ultrapassam a terra, como ultrapassam os céus! Por isso, não falarei palavras demais, eminente varão dos varões. Varão de Rabinal que os céus e a terra estejam com você!

*A música e a dança voltam.*

**Rabinal Achi** Espere, valente guerreiro, meu prisioneiro, meu cativo! Foi isso que falou sua palavra perante os céus, perante a terra? “Ora! Eu falaria para agradá-lo, eu revelaria onde ficam minhas montanhas, onde ficam meus vales? Não percebe que nasci na encosta da montanha, na profundidade do vale, eu, o filho das nuvens, o filho das tempestades?” Não foi sua palavra que falou assim? Se você não falar, se você não revelar onde ficam suas montanhas, onde ficam seus vales, juro pelos céus e pela terra que levarei você amarrado ou esartejado diante do meu Senhor e dono, no interior da nossa ampla fortaleza, dentro de nosso grande palácio. É isso que fala minha palavra perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra estejam com você, meu prisioneiro, meu cativo!

**Guerreiro Quiché** Oh céus, oh terra! Sua palavra falou perante os céus, perante a terra, que você conseguirá fazer nascer, brotar os termos, as palavras que eu falarei com você perante os céus, perante a terra. Eis como fazê-las nascer, fazê-las brotar para eu falar, eu revelar, onde ficam minhas montanhas, meus vales. “Se você não falar, se você não revelar onde ficam suas montanhas, onde ficam seus

vales, juro pelos céus e pela terra que eu levarei você amarrado ou esquartejado diante do meu Senhor e dono,” assim falou sua palavra perante os céus e a terra. Oh céus, oh terra! Para quem falarei para quem revelarei onde ficam minhas montanhas, onde ficam meus vales? Será para vocês, passarinhos que cantam como os rouxinóis<sup>7</sup>? Eu o valente, o aguerrido Senhor dos yaquis de Cunén, dos yaquis de Chahul? Sim, é verdade que o meu Senhor Balam Quiché desceu dez vezes o caminho de nuvens e de tempestades para chegar às minhas montanhas, aos meus vales. Como fazer então para extrair, como fazer então para arrancar as palavras, os termos que falarei com você perante os céus, perante a terra? Que os céus e a terra estejam com você, Varão de Rabinal!

**Rabinal Achi** Valente guerreiro, homem dos Cavek Quiché, por acaso você é meu auxiliar, meu irmão mais velho ou meu irmão mais novo? É assombroso! Como poderia meu espírito ter esquecido de ver você, esquecido de olhar você desde os altos muros da ampla fortaleza! Certamente era você que imitava o uivo do coioote e do lobo, o chiado da doninha e o rugido da onça ante os altos muros da ampla fortaleza para emboscar nossos bons jovens, nossos bons súditos, fazendo-os deixar os altos muros da ampla fortaleza para alimentar-se com o mel silvestre amarelo e o mel silvestre verde que é o alimento de nosso velho Senhor Cinco-Chuva. Então, para que tanto alarde, para que tanta ostentação de bravura e coragem como você ostentou? Acaso não foram esses gritos que convidaram, que atraíram nossos doze chefes, a cada um dos doze chefes dos seus doze muros, das suas doze grandes fortalezas. E não era a sua palavra que falava? “Vocês homens livres, 12 valentes homens livres, 12 varões venham ouvir o que dispusemos porque cada um dos seus alimentos, cada uma das suas bebidas foi

diluída, consumida, destruída, desaparecida, como o líquido desaparece na pedra muito porosa. Só a cigarra, só os grilos são os que cantam nos muros, nas fortalezas desses belos jovens, desses belos súditos porque eles não passavam de nove ou dez e hoje não fica ninguém nos muros e nas fortalezas. É por isso que paramos de sacrificar e comer vossos guerreiros, porque agora comemos frituras, feijões grandes, lagostas, papagaios e pratos combinados”. Não foi essa a advertência feita aos nossos chefes, aos nossos guerreiros? Não há nada que consiga ultrapassar seus desejos de arrogância e bravura? E Belehe-Mokoh e Belehe-Chumay<sup>8</sup> onde sua arrogância e sua bravura se deixaram envolver, fizeram-se enterrar pelos nossos guerreiros, pelos nossos chefes das conhecidas montanhas de Qotom e Tikiran<sup>9</sup>. É aqui que agora você pagará por essa baderna, perante os céus, perante a terra. Você acaba de dizer adeus a suas montanhas, a seus vales, porque nós cortaremos seu tronco, tiraremos sua seiva, perante os céus, perante a terra. Já não conseguirá mais, nem de dia nem de noite, descer ou sair das suas montanhas, dos seus vales. É preciso que você morra aqui, que você despereça aqui perante os céus, perante a terra. Por isso eu vou anunciar esta notícia ao meu Senhor, ao meu amo, nos altos muros, na ampla fortaleza. Assim fala a minha palavra perante os céus, perante a terra. Portanto não falarei palavras demais. Que os céus, que a terra, estejam com você, Senhor dos Cavek Quiché.

**Guerreiro Quiché** Salve valente varão, o mais respeitado dos varões, Rabinal Achi! Assim falou sua palavra perante os céus, perante a terra? “Então, para que tanto alarde, para que tanta ostentação de bravura e coragem como você ostentou?” Foi assim que sua palavra falou. Na verdade, no começo chamaram ao meu Senhor, chamaram ao meu amo. Esse

foi o único motivo da minha vinda, da minha chegada desde as minhas montanhas, desde os meus vales. Foi daqui que partiu a mensagem para minha chegada, perante os céus, perante a terra; dos muros da comandância do Fogo reunido pela víbora irascível que sobe rastejando, que é o nome, a boca e a cara dos muros desta fortaleza. Não foram ensacados aqui dez carregamentos de cacau<sup>10</sup> e cinco carregamentos de feijão para entregar nos muros da fortaleza do meu Senhor, do meu amo cujo nome, boca e cara é Balam Achi, Balam Quiché? Desde que isso aconteceu, o Chefe Balam Achi, Balam Quiché desejou no ato por esse motivo dar morte aos Chacachs, aos Zamans, ao Senhor de Rabinal, assim como aos Uxs e aos Pokomans. “Atuemos com inteligência. Falem que queremos ver a coragem e a valentia do Chefe das montanhas, do Chefe dos vales Quichés. Que pode vir tomar posse de nossas montanhas, de nossos vales. Venha, meu irmão caçula, venha, meu irmão mais velho. Venha aqui tomar posse destas belas montanhas, destes belos vales, perante os céus, perante a terra. Venha plantar e fazer seus canteiros, aqui onde abundam nossas mudas de pepinos, de nossas abóboras saborosas, de nossos brotos de feijão.” Foi assim que falou seu desafio, seu brado lançado perante nosso Chefe e Senhor. E este foi o rugido, o desafio do meu Chefe e Senhor lançado à continuação: “Salve, salve meu valente, meu varão, vai repelir isso e volte logo, porque uma mensagem, um chamado foi recebido perante os céus, perante a terra. Mostra sua força, mostra seu valor perante os céus, perante a terra, filho da minha flecha, filho do meu escudo, depois volta à encosta da sua montanha, volta ao fundo do seu vale.” Desse jeito chegou o rugido, o desafio do meu Chefe e Senhor. Eu já tinha ido embora. Estava marcando os limites das nossas terras lá onde o sol dorme, onde co-

meça a noite, onde o frio ataca, onde o gelo ataca, em Pam-Ezahaocak,<sup>11</sup> como é chamado. Então eu puxei a ponta da minha flecha, o lenho do meu escudo e volvi à encosta da minha montanha, ao fundo do meu vale. Lá, pela primeira vez, lancei meu grito de guerra, lancei meu desafio perante as enfileiradas colinas, perante os enfileirados pinheiros. Fui embora de lá para lançar meu grito de guerra, para lançar meu desafio pela segunda vez no grande bosque, na grande floresta, o terceiro foi para Cabrakán.<sup>12</sup> Fui embora de lá para lançar meu quarto grito, meu quarto desafio no lugar chamado Xol Chacah.<sup>13</sup> Lá fiquei sabendo que o grande tambor de sangue e o pequeno tambor de sangue estavam sendo batidos pelas doze Águias Amarelas, pelos doze Jaguares Amarelos. Os céus tremiam, a terra tremia por causa do grande estrondo, da grande agitação das doze Águias Amarelas, dos doze Jaguares Amarelos, dos servos e das servas do Varão de Rabinal. Foi lá que começou meu canto perante os céus, perante a terra: “Venha, príncipe depravado, príncipe odioso! Será este o primeiro inimigo ao que não consigo cortar o tronco nem tirar a seiva, o Varão de Rabinal, senhor de Chacach, Zaman e Caük?!” Assim falou minha palavra. O que você vai fazer grande chefe, já que eu não consegui abatê-lo, nem destroçá-lo, já que só consegui falar minha palavra, cantar minha palavra perante os céus, perante a terra, o mais destacado entre os varões, oh Varão de Rabinal?

**Rabinal Achi** Oh, valente varão, guerreiro dos Quiché! Foi isso que falou sua palavra perante os céus, perante a terra? Estas são as verdadeiras palavras que falou, sem qualquer alteração das palavras faladas: “De verdade, foi daqui que partiu a mensagem, o chamado, de verdade fomos chamados nas montanhas Quichés, nos vales Quichés”. Certamente, não foi nenhuma afronta, nenhuma malda-

de ter chamado ao Balam Achi, ao Balam Quiché para ouvi-lo, já que ele almejava a morte, o desaparecimento dos Chefes de Chacah, de Zaman, de Caüik de Rabinal, pelos Chefes dos Ux e dos Pokoman, aqui perante os céus, perante a terra. “Atuemos com inteligência para conseguir que venha o Chefe das montanhas Quichés, o Chefe dos vales Quichés, com sua valentia, com sua coragem. Que venha aqui tomar posse das belas montanhas, dos belos vales. Que venha plantar e fazer seus canteiros. Aqui onde abundam nossas mudas de pepinos, de nossas abóboras saborosas, de nossos brotos de feijão.” Assim, dessa maneira falou a nossa palavra perante os céus, perante a terra. Foi por isso que você veio nos provocar inutilmente, nos ameaçar em vão, aqui perante os céus, perante a terra. Graças aos céus, graças a terra você mesmo se atirou contra os muros de nossa fortaleza. Foi por isso que nós aceitamos o desafio, aceitamos a guerra, combatendo os de Ux e os de Pokoman. Então, vou lhe confiar a missão para que foi chamado. Vai correndo até o Caminho Real, até a alta montanha onde a águia bebe água, até o lugar chamado Cholo chic Zakehun.<sup>14</sup> Não outorgue o que os corações dos Uxs e dos Pokoman peçam. Não desista de lutar nas suas montanhas, nos seus vales. “Destrói e arrasa tudo, perante os céus, perante a terra.” Foi isso, principalmente, o que minhas palavras falaram. Mas, não foi necessário olhar, nem ver os Uxs nem os Pokomans porque eles viraram moscas, borboletas, saúvas e tanajuras escalando as encostas da montanha chamada Equempek Gamahal.<sup>15</sup> Então, eu dirigi meu olhar, minha vista, perante os céus, perante a terra; foi nesse mesmo instante que avistei os Uxs e os Pokomans. Meu coração desfaleceu, meu coração ficou ferido vendo, olhando você, porque tinha concedido o que os Uxs e Pokomans queriam. Foi

então, que lancei meu grito de guerra, meu desafio contra você. “Hein, hein, valente varão, senhor dos Quichés! Por que deixa de lutar contra os Uxs, contra os Pokomans, nas suas montanhas, nos seus vales? Oh céus, oh terra! Certamente, nos esperávamos nas nossas montanhas, nos nossos vales que você lançasse seu desafio, seu grito contra os Uxs e os Pokomans. Você chamou com seu grito, com seu desafio aos Uxs e aos Pokomans, aqueles que tinham lançado antes seu grito, seu desafio? “Oh, voltem aqui!” “Oh vocês, os de Uxs, os de Pokomans voltem para ouvir as ordens perante os céus, perante a terra” Foi assim que falou sua palavra. Então, os de Ux e os de Pokoman responderam: “Valente varão, Senhor dos Quichés, desiste de lutar nas nossas montanhas, nos nossos vales”. Não foi aqui mesmo que nasceram nossas crianças, nossos filhos? Aqui onde descem as negras nuvens, as brancas nuvens, onde o frio ataca, onde a geada ataca? Embaixo, bem longe, ficam as florestas, os verdes bosques, o cacau amarelo das compras, o fino cacau amarelo, o ouro, a prata, os rendilhados, a ourivesaria, junto aos meus vassallos. Lá estão meus vassallos, lá onde não existe sofrimento para eles, nem total nem parcial; enquanto eles descansam recebem o pagamento em cacau e em cacau fino, porque eles são reideiros, ourives, do amanhecer até o anoitecer. Mas, olhe para os vassallos do maior dos varões, o Rabinal Achi. Só com muito padecimento, com muito sofrimento é que eles obtêm tudo ou parte da sua subsistência desde o amanhecer até o anoitecer. Eles têm uma perna que os leva para diante enquanto a outra os leva para trás; só haverá pernetas e manetas para sempre, entre os sobrinhos e netos do maior dos varões, do Rabinal Achi.” Desse jeito ressoou o grito, o desafio dos Uxs e dos Pokomans por causa da inveja dos seus corações. E você respondeu: “Hein, hein, vocês os de Ux, vo-

cês os de Pokomam! É desse jeito que falam suas palavras perante os céus, perante a terra? Enquanto aos vassalos do varão de Rabinal, nada de bater nos seus rostos por causa dos seus meios de subsistência, nem pelo seu jeito de viver sob a imensidão dos céus, sob os quatro cantos dos céus, na cabeceira da terra, nos pés da terra, num quarto ou em dois quartos, porque eles são fortes, porque eles são aguerridos. Agora, ao contrário, os seus vassalos ficam perdidos, ficam dispersos, eles vão e voltam, eles arranjam-se, sobem suas montanhas, descem seus vales. Talvez um ou dois consigam voltar aos muros da sua fortaleza porque todos os outros foram destruídos, foram perseguidos quando procuravam alimentos e tentavam sobreviver. Já com os vassalos do valente varão, do mais destacado dentre os varões, com o Rabinal Achi é diferente. Se um ou dois saem, um ou dois voltam aos muros da sua fortaleza.” Assim falou a sua palavra para os de Ux, para os de Pokomam. Porém, eis que a minha palavra falou: “Salve, salve valente varão, Chefe dos Quichés! Foi escutado o grito de guerra, o desafio proferido pelos de Ux, pelos de Pokomam. Oh céu, oh terra! Certamente estavam furiosos por ter que deixar esses lugares para meus vassalos, perante os céus, perante a terra. Tem que ser falado que não conseguiram tomar posse de nossas belas montanhas, de nossos belos vales. Muito surpreende que tenha vindo findar aqui seus inúmeros dias, suas inúmeras noites, perante os céus, perante a terra. Que você tenha vindo quebrar a ponta da sua flecha, o lenho do seu escudo, que tenha vindo anular sua força e seu poderio. Nada consegui, e é sabido que não consegui tomar posse de nada, perante os céus, perante a terra. Mas, você sabia quais eram os limites de suas terras, as que terminam nas encostas das montanhas, nas encostas dos vales. Tem que reconhecer que

sou eu, o valente, o varão entre os varões, o Rabinal Achi, quem conseguiu reinar graças aos meus vassalos perante os céus, perante a terra”. Isso é o que fala minha palavra perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra estejam com você, valente varão, valente guerreiro, guerreiro Quiché!

**Guerreiro Quiché** Oh, céu! Oh, terra! Sua palavra fala a verdade perante os céus, perante a terra, eu não consegui tomar posse das suas belas montanhas dos seus belos vales. Foi inútil, foi em vão eu ter vindo acabar aqui meus muitos dias, minhas muitas noites perante os céus, perante a terra? Minha audácia e minha coragem para nada serviram então? Oh, céu! Oh, terra! Eu fui então até minhas montanhas, até meus vales. Assim fala minha palavra perante os céus, perante a terra. Então escalei a encosta da montanha, desci ao fundo dos vales, lá pelos lados de Camba<sup>16</sup> como é chamado, onde enterrei minhas estacas. Por isso minha palavra falou perante os céus, perante a terra. “Se o Chefe Camba sair, não posso pisá-lo com minha sandália, não posso fazê-lo pagar tributo a ele e a todos os vassalos do importante entre os varões, do varão de Rabinal?” Desse jeito falou, se queixou, meu coração. Porém, se o próprio céu e a própria terra quisessem punir-me, mesmo assim eu tinha que falar minha palavra. De Camba fui enterrar minhas estacas no topo da montanha e do vale Zaktihel,<sup>17</sup> para lançar meu grito de guerra, lançar meu desafio. Ah! Oh, céus! Oh, terra! É verdade que aqui não tomei posse de nada, perante os céus, perante a terra? Desci logo dali para o recôncavo do rio, então vi a terra recém-semeada e a que já tinha dado frutos, a terra onde o milho floresce e amarela em espigas, assim como o feijão branco, o feijão amarelo e os de todo tipo. Então falou minha palavra perante os céus, perante a terra. “Será que não posso ter um pouco da terra recém-semeada e da que já

deu frutos, com ajuda da ponta da minha flecha e do lenho do meu escudo?” Então afundei minhas sandálias na terra recém-semeada e na que já tinha dado frutos e tomei posse delas. De lá fui logo enterrar minhas estacas pelos lados de Xtincurun em frente a Ximbal Há.<sup>18</sup> Também fui embora dali, fui enterrar minhas estacas pelos lados de Quezentun<sup>19</sup> onde o desejo do meu coração mandou que ficasse tocando o tambor durante 13 vezes 20 dias, 13 vezes 20 noites, por eu não ter conseguido perante os céus, perante a terra tomar posse das belas montanhas, dos belos vales. Assim falou minha palavra perante os céus, perante a terra. Ah, céus! Oh, terra! É verdade que não consegui tomar posse de nada aqui perante os céus, perante a terra; que foi inútil, que meus muitos dias e minhas muitas noites acabarão em vão. Assim falou minha palavra perante os céus, perante a terra. Vim então para resolver com a força e a potência do meu braço, mas minha valentia e minha bravura não serviram para nada. Assim falou minha palavra perante os céus, perante a terra: “Vai embora para suas montanhas, para seus vales”. Foi isso que falou minha palavra. Depois escalei a encosta da montanha, desci na profundidade do vale, assim falou minha palavra. Que os céus e a terra estejam com você, o melhor dentre os varões, varão de Rabinal!

**Rabinal Achi** Ah, valente varão, Senhor dos Quichés! Cadê meus jovens, cadê meus súditos? Por que atraiu meus jovens, meus súditos? Você não tinha nada que mexer com eles. Tinha que deixá-los nas suas montanhas, nos seus vales. Se você não os devolver, com a permissão dos céus e da terra, vou desarranjar céus e terra. Assim berrou meu desafio porque eu tinha ido embora, estava ocupado em enterrar estacas nas minhas terras nos lados chamados de Mucutzunum,<sup>20</sup> quando você raptou meus jovens, meus súditos, ajudado pela ponta da sua flecha, ajuda-

do pelo lenho do seu escudo, sem que o bater do seu coração ouvisse meu grito de guerra, ouvisse meu desafio. Então percorri as encostas das montanhas, as encostas dos vales e enterrei minhas estacas num lugar chamado Pan-Ahachel.<sup>21</sup> Foi lá que lancei meu grito de guerra, meu desafio contra você. Foi então que você soltou meus jovens, meus súditos no lugar chamado Nim Che e Cabrakan Paraveno, propositalmente a pouca distância das montanhas Quichés, dos vales Quichés. Eles voltaram de lá, escalaram as encostas das montanhas, desceram as encostas dos vales; eles voltaram com um buraco no estômago, com a barriga vazia, porém não regressaram aos seus muros, às suas fortalezas, eles se estabeleceram no lugar chamado Panamaka.<sup>22</sup> Então você veio raptar meu Chefe, meu Senhor, lá nas fontes termais de Tohil<sup>23</sup>. Eu não tinha ido embora, estava prestes a enterrar minhas estacas lá nas terras chamadas de Tzam-Ha e Quilavach-Abah.<sup>24</sup> Então deixei meu olhar, meus olhos contemplarem o rosto dos céus, o rosto da terra. Enorme era o horizonte por onde desfilavam as nuvens, por onde girava o nevoeiro por cima dos altos muros da ampla fortaleza; foi lá que lancei meu grito de guerra, meu desafio perante os céus, perante a terra. Minha palavra falou assim: “Salve, salve valoroso varão, Senhor dos Quichés! Por que raptou meu Chefe, meu Senhor, por que o furtou do interior dos altos muros da ampla fortaleza? Você não tinha nada que fazer isso com ele. Deixe-o então voltar para os altos muros da ampla fortaleza!” Foi assim que falou minha palavra, mas seu coração não se deixou comover ao ouvir meu grito de guerra, meu desafio. Minha palavra também falou: “Se você não libertar meu Chefe, meu Senhor, juro pelos céus, juro pela terra, que eu desarranjarei céus e terra com a própria ajuda dos céus e da terra”; assim falou minha palavra. Mas, seu coração

não se deixou comover ao ouvir meu grito de guerra, meu desafio. Então, eu escalei as altas encostas das belas montanhas, dos grandes e belos vales, e fui enterrar minhas estacas no interior dos altos muros da ampla fortaleza. Mas, só consegui ver apenas o vasto horizonte onde desfilavam as nuvens, onde girava o nevoeiro por cima dos altos muros da ampla fortaleza. Tão somente cantava a cigarra, só o grilo guizalhava nos altos muros da ampla fortaleza. Meu coração desmaiou, meu coração desfaleceu, mas eu escalei as encostas das montanhas, venci os vales até chegar às montanhas Quichés, aos vales Quichés até conseguir encontrar meu Chefe, meu Senhor, completamente aprisionado pela pedra e pela cal. Joguei-me então com a ponta da minha flecha, com o lenho do meu escudo, com minha borduna yaqui, com meu machado yaqui, com minha valentia e minha coragem. Então, vi meu Chefe, meu Senhor totalmente abandonado, cativo da pedra e da cal. Tirei-o dali com ajuda da ponta da minha flecha e o lenho do meu escudo. É bom falar que se eu não chegasse ali, certamente você teria cortado o tronco e tirado a seiva do meu Chefe, do meu Senhor, na montanha Quiché, no vale Quiché. Foi desse jeito que voltei a vê-lo, com ajuda da ponta da minha flecha e o lenho do meu escudo consegui levar de volta meu Chefe, meu Senhor ante os muros da nossa fortaleza. Não foi você mesmo quem atacou dois ou três povoados, a cidade dos barrancos de Balamvac,<sup>25</sup> cujo chão arenoso crepita sob os pés; da cidade de Calcaraxah,<sup>26</sup> na de Cunu,<sup>27</sup> e na de Gozibal Tagah Tulul,<sup>28</sup> lugares que correspondem a esses nomes? Quando é que seu coração deixará de ser ciumento, invejoso da minha valentia e da minha bravura? Mas, você vai pagar por isso aqui perante os céus, perante a terra. Vou anunciar sua presença ao meu Chefe, ao meu Senhor, aqui nos altos muros

da ampla fortaleza. Você acaba de dizer adeus a suas montanhas, a seus vales, porque aqui cortaremos seu tronco, aqui tiraremos sua seiva perante os céus, perante a terra. Será assim mesmo. Por isso, já não falarei palavras demais. Que os céus e a terra estejam com você, Senhor dos Quichés!

**Guerreiro Quiché** Salve valoroso varão, Rabinal Achi! É isso que fala sua palavra perante os céus, perante a terra? Não mude as palavras que você falou perante os céus, perante a terra, na minha frente, na minha cara. Tem que falar que eu mal interpretei no começo as ordens do meu Chefe, do meu Senhor. “Eles chamaram, eles nos desafiaram”. Assim falou a palavra de nosso Chefe, de nosso Senhor de Teken Toh (Montão de Chuvas), de Teken Tohax (Montão de Quartzo), de GumarmAchi (Cabaças Buriladas) de Taktazib (Bosque Enfeitado), Taktazimach (Poste Enfeitado), Cuxuma Ah (Cacho de Caniços), de Cuxuma Ho (Cacho de Lagoas), de Cuxuma Civan (Cacho de Ribanceiras), de Cuxuma Cab (Cacho de Terras), de Cuxuma Tziquin (Cacho de Pássaros). Esses são os nomes dos povoados, a boca e a cara de nosso Chefe, de nosso Senhor. “Oh, venham! Os doze valorosos varões venham ouvir as ordens”. Foi assim que falou sua palavra, primeiro para eles e depois para você, por causa da ruína e do desperdiço, da desordem que reinava ali nos postos e nos cargos públicos. Nos altos muros da ampla fortaleza só estão nove ou dez vassalos nos altos muros da ampla fortaleza. Assim falou sua palavra para eles e para você. Como eu não tinha conseguido tomar posse de nada por aqui e por causa da inveja do meu coração forcei, obriguei que viessem comigo esses belos jovens, esses nobres jovens, enquanto eles estavam distraídos nos bambuzais procurando as colmeias de mel amarelo, de mel verde. Quando os vi, a

minha palavra perguntou perante os céus, perante a terra: “Não será que posso raptar esses belos jovens, esses nobres jovens, para que se estabeleçam nas minhas montanhas, nos meus vales?” Minha palavra respondeu: “Eu os levarei ante meu Chefe, meu Senhor, nas montanhas Quichés, nos vales Quichés”. Minha palavra falou: “Então, aqui tem um pouco dessas terras recém-semeadas e das que já deram frutos, das espigas abertas de milho branco, do feijão amarelo e do feijão branco”. Voltei dali para o lugar chamado Pan Cakil (No Fogo) porque meu coração estava com os belos jovens, com os nobres jovens. Foi por isso então, que você lançou seu grito, lançou seu desafio. Então chorou meu coração, gemeu meu coração ao ouvir seu grito, seu desafio. Mas, depois os libertei, lá nos lugares chamados Nim-Che, Cabrakán Pan-Araveno. Faltava pouco para que os belos jovens, os nobres jovens chegassem às minhas montanhas, aos meus vales, às montanhas Quichés, aos vales Quichés. Desse jeito foram embora, voltaram os belos jovens, os nobres jovens, com suas barrigas secas, com suas panças vazias. Eles continuaram sua marcha pelas encostas das montanhas, pelas encostas dos vales. Contudo, eles não conseguiram chegar até seus muros, até sua fortaleza; acabaram se estabelecendo no lugar chamado Panamaka. Certamente, eu fui quem agiu mal raptando seu Chefe, seu Senhor, lá nas termas quando ele tomava banho, eu o raptei ajudado pela ponta da minha flecha, ajudado pelo lenho do meu escudo. Adentrei-o nas minhas montanhas, nos meus vales, nas montanhas Quichés, nos vales Quichés por causa da inveja do meu coração, porque não consegui tomar posse de nada perante os céus, perante a terra. Então, eu o aprisionei no muro de pedra e cal, eu encarcerei seu rosto com pedra e cal. Tenho que admitir que não foi algo bom porque sua

palavra falou: “Você destruiu vários povos conhecidos, as cidades com ribanceiras de Balamvac, onde o chão arenoso resoa sob os pés; a de Chi-Calcararaxah, a de Chi Conu, a de Gozibal-Tagah-Tulul”. Certamente, agi mal então por causa da inveja do meu coração, e pagarei agora por isso perante os céus, perante a terra. Já não há mais palavras na minha boca, nem no meu rosto. Apenas o esquilo, apenas o pássaro aqui na minha frente talvez assoviem para você, oh grande Chefe. Não foi a sua palavra que falou também? “Vou anunciar a notícia da sua presença ao rosto do meu Chefe, do meu Senhor, nos altos muros da ampla fortaleza. Você falou adeus às suas montanhas, aos seus vales, porque aqui tiraremos sua seiva, cortaremos seu tronco perante os céus, perante a terra”. Assim falou sua palavra. Mas, não poderíamos chegar a um acordo agindo como dois irmãos? Eu enriqueceria você, eu enfeitaria você com meu ouro, com minha prata, com a ponta da minha flecha, com o lenho do meu escudo, com minha borduna yaqui, com meu machado yaqui, até com meus louros e minhas sandálias. Eu trabalharia aqui, seria seu vassalo, aqui perante os céus, perante a terra, como garantia soberana de você não me deixar voltar as minhas montanhas, aos meus vales. Isso é o que fala minha palavra perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra estejam com você valoroso varão, o melhor entre os varões, Rabinal Achi!

**Rabinal Achi** Salve valoroso varão, Chefe Quiché! Não foi a sua palavra que falou perante os céus, perante a terra? “Eu enriqueceria você, eu enfeitaria você com meu ouro, com minha prata, com a ponta da minha flecha, com o lenho do meu escudo, com minha borduna yaqui, com meu machado yaqui, até com meus louros e minhas sandálias. Eu trabalharia aqui, seria seu vassalo, aqui perante os céus, perante a terra”. Foi as-

sim que sua palavra falou. Mas então, eu vou ter que falar no rosto do meu Chefe, do meu Senhor? “Um valoroso varão que combateu contra nós nos altos muros da ampla fortaleza durante 13 vezes 20 dias, durante 13 vezes 20 noites, que não deu descanso ao nosso sonho, de repente me deixou rico com seu ouro, com sua prata, com sua borduna yaqui, com seu machado yaqui, até com seus louros e suas sandálias”. Eu ia falar no rosto do meu Chefe, do meu Senhor, que depois o deixei voltar às suas montanhas, aos seus vales? Eu vou falar isso no rosto do meu Chefe, do meu Senhor? Sendo que eu sou bem provido, bem abastecido pelo meu Chefe, pelo meu Senhor. Tenho ouro e prata, tenho a ponta da minha flecha e o lenho do meu escudo, minha borduna yaqui, meu machado yaqui. Eu sou bem provido, bem abastecido pelo meu Chefe, pelo meu Senhor nos altos muros da ampla fortaleza. Por isso, vou anunciar a notícia da sua presença nos altos muros, na ampla fortaleza do meu Chefe, do meu Senhor. Se meu Chefe, meu Senhor permitir que volte a suas montanhas, a seus vales, se meu Chefe permitir, então eu deixarei que você vá até suas montanhas e seus vales. Sim, se meu Chefe falar isso eu deixo você ir. Mas, se meu Chefe, meu Senhor falar: “Traga-o diante da minha boca, diante do meu rosto, porque quero ver até que ponto a boca e o rosto dele são os de um valoroso varão”. Se meu Chefe, meu Senhor falar isso, eu aviso você. Assim fala minha palavra perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra estejam com você, valoroso varão, Chefe Quiché!

**Guerreiro Quiché** Muito bem, que assim seja! Valoroso varão, Rabinal Achi, se você tem que anunciar a notícia da minha presença no rosto do seu Chefe, nos altos muros, na ampla fortaleza, pode anunciar. Que os céus e a terra estejam com você, o melhor entre os varões, Rabinal Achi.

## Cena II (adaptação)

*No interior da fortaleza, o chefe Hobtoh está sentado no seu trono, cujo respaldar é trabalhado com adornos ancestrais. Ao seu lado encontra-se a rainha Xocahau e a princesa U Chuch Gug. Eles estão rodeados de criados, guerreiros águias e jaguares.*

**Rabinal Achi** Salve meu Rei! Salve minha Rainha! Agradeço aos céus, agradeço à terra e ao nosso chefe que nos protege embaixo do dossel de plumagem verde, desde o interior dos largos muros deste grande palácio. Aqui se encontra o valente guerreiro contra quem lutamos durante duzentos e sessenta dias e duzentas e sessenta noites. Aquele que não deixou repousar o nosso sonho, aquele que nos foi entregue pelos céus e pela terra, aquele que se jogou contra a ponta da minha flecha, contra o lenho do meu escudo. Eu o enlacei com minha corda branca, o atingi com minha borduna e meu machado, com meu tabaco mágico. Fiz o valente guerreiro falar o nome das suas montanhas, dos seus vales para mim. Era ele quem imitava o uivo do chacal, o rugido da onça, o resmungar da raposa lá fora, além dos muros da fortaleza, tentando atrair e espionar nossos jovens guerreiros. Foi este valente, este herói, o que causou a morte de dez dos nossos jovens, o que sequestrou vossa majestade das termas onde se encontrava. O valente guerreiro que destruiu três aldeias próximas a Balamvac, onde as areias do chão ressoam como seu nome. Quanto tempo meu coração vai esperar para satisfazer o desejo de punir esta fera audaciosa? Acaso não recebemos queixas dos príncipes de Teken Toh, de Teken Tihax, de GumarmAchi, de Taktazib, de Taktazimak, de Cuxumaah, de Cuxum Zivan, de Cuxoma Cho, de Cuxumacab e de Cuxuma Tziquin? Então, aqui está ele, peran-

te os céus e perante a terra, aquele que veio pagar por seus crimes. Aqui, entre os céus e a terra, cortaremos a sua estirpe. Oh meu senhor, chefe Hobtoh!

**Chefe Hobtoh** (Para Rabinal Achi) Oh meu valente guerreiro, agradeço aos céus e a terra por ter trazido ao prisioneiro. Traga-o imediatamente ante minha presença, quero ver seu rosto, saber da sua boca se realmente é um valente, um herói. Mas, não quero que faça algazarra, nem tumultue a entrada da ampla fortaleza. Aqui, no interior do grande palácio vamos respeitá-lo, porque aqui se encontram seus doze irmãos, seus doze parentes, os guardiões dos tesouros e das pedras preciosas cujo número está incompleto. Será que ele veio completar o seu número? No interior da fortaleza há tronos de prata que estão vazios. Será que este valente veio a ocupa-los? Existe aqui uma dúzia de licores traiçoeiros, bebidas doces, frescas e embriagantes, licores de reis que são saboreados ao deitar. Será que este valente guerreiro veio experimenta-las? Também existem aqui panos de admirável leveza, tecidos de ouro com brilhos deslumbrantes feitos pela rainha, minha mãe. Será que este valente veio vestir os tecidos deslumbrantes feitos pelas mãos da rainha, minha mãe? Aqui também se encontra resguardada a princesa Quetzal. Será que este valente guerreiro veio para ser o primeiro a ver seus olhos, o primeiro a dançar com ela nos salões de palácio? Será que este guerreiro veio para ser nosso genro, vosso cunhado? Vamos conferir então sua obediência e humildade se abaixar a cabeça ao entrar na fortaleza. Essas são minhas palavras perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra estejam com você Galel Achi!

**Rabinal Achi** Meu rei Hobtoh, eu peço licença aos céus, a terra. Isso é o que diz minha palavra perante vossa majestade. Eis a força, eis o valor que me confiaste perante meu rosto,

perante minha boca. Deixarei aqui minha flecha e meu arco. Pode guardá-los na aljava e depositá-los no seu arsenal. Que agora descansem também como eu descansarei, já que por causa delas não tinha sossego nem conseguia dormir. Assim as deixo desse jeito, no interior dos muros desta ampla fortaleza. É isso o que diz a minha palavra perante a terra, perante os céus. Que os céus e a terra estejam com você, meu senhor, meu dono, meu rei Hobtoh!

**Hobtoh** Meu bravo, meu valente! Isso é o que diz sua palavra perante os céus e a terra? Mas, como eu posso guardar suas armas no meu arsenal? Que armas irão proteger-nos dos que venham invadir o nosso território? Que armas protegerão nossos vassalos, nossos filhos, quando saírem buscar o seu sustento nos quatro cantos da terra? Receba de volta as armas que você vai empunhar, elas representam sua força e sua valentia, eu lhe devolvo seu arco, suas flechas e seu escudo. Aqui estão suas armas, corajoso e valente Galel Achi! Que os céus e a terra estejam com você!

**Rabinal Achi** Então, retomarei a força e a valentia que concedes ao meu rosto, a minha boca. Portanto, voltarei a empunhar minhas armas novamente, eis a minha palavra perante os céus, perante a terra. Por esse motivo tenho que deixar os muros do seu palácio por um momento. Que os céus e que a terra estejam convosco, meu senhor, meu dono, meu rei Hobtoh!

**Chefe Hobtoh** Muito bem, leal e corajoso guerreiro! Tome cuidado para não cair em nenhuma armadilha, nem ficar ferido. Meu leal e corajoso guerreiro Galel Achi! Que os céus e a terra estejam com você!

### Cena III (adaptação)

*O príncipe de Rabinal vai à procura de Quiché Vinak no lugar em que está aprisionado.*

**Rabinal Achi** Salve corajoso guerreiro Quiché, Cavek Vinak! Aqui estou depois de anunciar-vos diante do meu dono e senhor, no interior dos muros da ampla fortaleza. Venho avisar que não podes fazer nenhum ruído, nenhum alarde, ao cruzar as portas do palácio e a ampla fortaleza. Seja humilde, curve-se quando estiver na presença do meu senhor, do meu dono, do ancião rei Hobtoh. Eis minhas palavras perante os céus, perante a terra. Não temos mais longos discursos a repetir entre nós. Que os céus e a terra estejam com você, Cavek Quiché Vinak!

**Guerreiro Quiché** Salve corajoso guerreiro Galel Achi de Rabinal! São suas essas palavras perante os céus e a terra? Que não faça alarde? Que seja submisso? Que me curve perante seu rei? E o que mais? Que seja então um herói corajoso submetido e que abaixe a cabeça? É com isto que vou me humilhar, com minha flecha, com meu escudo, com minha borduna e machado yaquis. É com minhas armas que vou me humilhar, me submeter, na entrada da ampla fortaleza, do grande palácio. Peço aos céus para derrubar a grandeza e a majestade do senhor seu pai! Peço aos céus para que meu punho golpeie sua boca e seus lábios, no interior do seu palácio, de sua ampla fortaleza! E você, corajoso guerreiro Galel Achi de Rabinal, será o primeiro a conferir os efeitos da minha raiva!

*Durante o diálogo, o guerreiro Quiché fora liberado de suas amarras, o que lhe permite certa liberdade de movimentos, também lhe foi devolvidas suas armas. Na última frase o guerreiro Quiché avança ameaçante sobre Galel Achi, mas uma escrava se interpõe.*

**Escrava** Pare valente guerreiro Cavek Quiché Vinak! Não mate nosso valente e corajoso Galel Achi de Rabinal.

### Cena IV (trecho final)

**Guerreiro Quiché** (*aproximando-se do Chefe Hobtoh*) Salve grande guerreiro! Eu sou quem chegou às portas da vossa ampla fortaleza, às portas do vosso grande palácio, que a sombra de vossa realeza cobre completamente. Eu sou aquele cuja presença foi anunciada a vossa majestade. Eu sou valente, sou guerreiro! Ele me desafiou com seu grito de guerra, aquele Rabinal Achi que representa vossa coragem e força. “Tenho anunciado ao meu senhor meu pai, a notícia da sua presença no interior dos grandes muros do palácio. E as palavras do meu pai e senhor ordenaram: ‘Então traga esse valente, esse guerreiro na minha presença, eu quero ver seu rosto, saber se é valente, se é guerreiro. Tens de advertir esse valente, esse herói, que não pode fazer nenhum ruído, nenhuma ostentação, que tem de ser humilde, que tem que abaixar a cabeça ao entrar na ampla fortaleza, no grande palácio’. Isso foi o que falou vossa coragem e vossa força. Muito bem! Eu sou um valente, eu sou um guerreiro e se tenho que humilhar-me e abaixar a cabeça, é com isto que vou me humilhar. Com minha flecha e meu escudo! É com isso que vou derrubar vossa gloria e esplendor, com minhas armas vou acertar vossa boca e vossos lábios. É isso o que agora experimentarás poderoso senhor! (Enquanto fala levanta sua borduna contra o rei Hobtoh, porém a escrava se interpõe novamente)

**Escrava** Oh valente guerreiro Cavek Quiché Vinak! Desiste de matar meu dono e senhor, o rei Hobtoh, no interior de sua ampla fortaleza, do seu grande palácio, onde está resguardado.

**Guerreiro Quiché** Então, mande providenciar o lugar para meu trono, porque desse jeito são prestadas as honras que me correspondem, nas minhas montanhas e nos meus vales. Lá tenho um recinto para meu trono. Não serei eu quem fique exposto ao frio e ao relento. Assim fala a minha palavra em face aos céus e a terra! Que os céus e a terra estejam convosco rei Hobtoh!

**Chefe Hobtoh** Valente guerreiro Cavek Quiché Vinak! Eu, o ancião rei Hobtoh, agradece aos céus e a terra por estar no interior da ampla fortaleza, do grande palácio, onde se alarga minha sombra e minha majestade! Fala então, conta por que imitava o uivo do chacal, o rugido da onça e o resmungo da raposa, no exterior dos altos muros do grande palácio? Para tentar, espionar e fazer sair ao campo aberto os nossos belos jovens, nossos nobres vassalos, que dessa maneira foram atraídos até o bosque de bambu onde tentavam achar o alimento das abelhas, o mel amarelo e o mel branco que é o sustento do velho rei Hobtoh aqui no interior dos grandes muros de palácio. Foi você mesmo quem raptou aqueles nove ou dez jovens nobres e belos, aqueles que por pouco foram levados às montanhas e vales do Quiché se não fosse a intervenção do valente e corajoso Galel Achi que conseguiu trazê-los de volta. Acredito que você teria ceifado o tronco dos meus nobres vassalos, desses nobres jovens. Certamente, você também foi aquele que me sequestrou dos banhos termais, sim foi você quem me capturou com o poder da ponta da sua flecha e das canhas do seu escudo. Foi você quem me encerrou numa cela de pedra e cal, quem me encerrou entre quatro paredes, lá nas montanhas e vales de Quiché, lá onde terias ceifado a minha estirpe. Por sorte eu contava com a coragem e a valentia de Galel Achi, quem no momento que mais precisava me libertou do cativeiro pela força

das suas flechas e as canhas de seu escudo. Se não fosse por ele que é minha valentia e coragem, a minha estirpe teria sido decepada. Foi dessa maneira que me trouxe de volta para o interior da minha fortaleza e do meu grande palácio. Ainda é você quem destruiu várias cidades, como Balamvac a do chão de areia falante, Calcaraxah, Cunu e Gozibal-Tagah-Tulul. Quando vão ficar satisfeitos os desejos desenfreados do seu coração, ao sabor de sua valentia e coragem? Até quando ficará mantendo esse impulso, movimentando-se de tal maneira? Essa valentia, essa bravura não foram enterradas lá em Qoton, em Tikiram? Não desabaram e foram soterradas em Beleh-Mokoh e em Beleh Chumay por cada um de nós, os reis, os senhores das fortalezas e palácios atacados? Mas então, você terá de pagar pelos estragos causados, aqui entre os céus e a terra. Pode dar seu último adeus a suas montanhas, porque verdadeiramente você morrerá aqui, perecerá aqui, entre os céus e a terra. Que os céus e a terra estejam com você Cavek Quiché Vinak!

.....

**Guerreiro Quiché** Sua palavra também falou, foi você que veio me sequestrar, se apoderar de mim, nos banhos termais. Tu arrasaste dois ou três povos, a cidade de Balamvac, onde o chão de pedra ecoa os passos. Sua palavra também falou de despedir-se das suas montanhas, dos seus vales, da sua própria palavra, porque aqui morrerás, aqui falecerás. Aqui cortaremos sua raiz e seu tronco, aqui debaixo dos céus, aqui acima da terra. Se for preciso então que eu morra aqui, isto é o que diz minha palavra e meus lábios: já que estás bem abastecido nos altos muros da sua ampla fortaleza, concede-me seu alimento, suas bebidas, as bebidas dos chefes chamadas Ixtatzunúm. As doze bebidas, os doze licores embriagantes, afetuosos, refrescantes, alegres

e atraentes, que se costumam beber antes de dormir nos amplos muros e na ampla fortaleza, assim como também as iguarias da sua mãe, da sua senhora. Agora os experimentarei como sinal supremo de minha morte, de meu falecimento, debaixo dos céus e acima da Terra, isto diz minha palavra. Que os céus e a terra estejam com você, chefe Hobtohs.

**Chefe Hobtohs** Valente guerreiro, homem dos Cavek Quiché, isto disse a sua palavra perante os céus, perante a terra: “Concede-me seu alimento, suas bebidas, vou recebê-las para degustá-las”. É o que disse sua palavra: “É o sinal supremo da minha morte, do meu falecimento”, disse sua palavra. Então, eu lhe dou, lhe ofereço. Criados, criadas! Tragam meu alimento e minhas bebidas. Deem para esse valente, guerreiro, homem do Cavek Quiché, como supremo sinal de sua morte, de seu falecimento, debaixo dos céus, em cima da terra.

*Os criados trazem uma mesa carregada de bebidas e iguarias. O guerreiro Quiché come e bebe com desdém, depois vai dançar perante a corte, logo volta e diz.*

**Guerreiro Quiché** Oh Chefe Hobtohs, esse é seu alimento, essa é a sua bebida? Realmente não tenho nada a dizer. Nada existe neles, que eu recomende a meus lábios. Ah se você provasse as bebidas atraentes, gratas, alegres, doces, refrescantes que eu provo nas minhas montanhas, nos meus vales. Essa é a mesa das suas iguarias? Essa é a taça onde você bebe. Mas esse é o crânio, a caveira do meu avô e essa é a cabeça do meu pai, isso é o que eu estou vendo? O mesmo poderá ser feito com os ossos da minha cabeça, da minha caveira? Aqui estão também os ossos do meu braço, que produzirão estrondo na cumbuca dos metais preciosos, retumbante nos amplos muros, na ampla fortaleza. Aqui estão também os ossos da minha perna, as

baquetas do tambor maior que farão tremer os céus e a terra nos amplos muros, nas amplas fortalezas. Também diz minha palavra, emprestai-me o manto sagrado, brilhante, esplendoroso, muito bem tecido, para que com ele me enfeite nos amplos muros na ampla fortaleza, nos seus quatro cantos, nos seus quatro lados, como sinal da minha morte, do meu falecimento, aqui debaixo do céu, acima da terra.

**Chefe Hobtohs** Valente guerreiro, homem dos Cavek Quiché! O que você quer? O que você solicita? Contudo, eu darei o manto como sinal supremo de sua morte, do seu falecimento, aqui debaixo dos céus, acima da terra. Criados, criadas tragam o manto sagrado, brilhante, esplendoroso, muito bem tecido, feito nos amplos muros nas amplas fortalezas e deem para este valente, para este guerreiro como sinal supremo de sua morte, do seu falecimento aqui debaixo dos céus, acima da terra.

*Os criados entregam para o guerreiro o manto sagrado com o qual ele se cobre.*

**Guerreiro Quiché** Essas flautas, esses tambores, não poderiam tocar como minha flauta como meu tambor? Agora toque a grande melodia, a breve melodia. Que soe minha flauta yaqui, meu tambor yaqui, minha flauta Quiché, meu tambor Quiché. Toquem a dança do prisioneiro, do cativo das minhas montanhas, dos meus vales, fazendo tremer os céus, fazendo tremer a terra. Que nossa frente, nossa cabeça caia quando giramos batendo o chão com os pés, junto aos criados e criadas aqui debaixo dos céus, acima da terra. É o que disse a minha palavra perante os céus, perante a terra. Que os céus e a terra fiquem com vocês, oh flautas, oh tambores. (O guerreiro dança em círculos perante a corte e em cada canto ele lança o seu grito de guerra) O Chefe Hobtohs! Daí me sua benção perante

os céus, perante a terra. Aqui está o que você me emprestou, o que você me concedeu. Mas se for verdade que você é prudente e bem abastecido nos amplos muros, na ampla fortaleza, conceda-me a mãe das Penas, a mãe dos Pássaros Verdes, a Pedra Preciosa vinda de Tzam-Gam-Carchag, cujos lábios ainda não foram estreados, cujo rosto não foi tocado ainda, para eu estrear sua boca, para que eu tocar seu rosto. Que eu dance com ela, que a mostre nos amplos muros, na ampla fortaleza, nos quatro cantos como sinal supremo de minha morte, de meu falecimento debaixo dos céus, acima da terra. Os céus a terra estejam convosco chefe Hobtohs!

*Os criados conduzem a Mãe das Plumas até o guerreiro Quiché. Ele cumprimenta a donzela que fica afastada enquanto dança com o rosto virado para ele que a segue da mesma forma, ondulando frente a ela. Desse jeito eles contornam a corte ao som das trombetas, depois ficam novamente perto do chefe Hobtohs.*

**Guerreiro Quiché** Chefe Hobtohs, me da sua bênção perante os céus, perante a terra. Aqui tens de volta aquela que você me entregou, que me concedeu como companheira. Já fui mostrá-la, fui dançar com ela nos quatro cantos, nos amplos muros da ampla fortaleza. Agora conservá-la, guardá-la nos amplos muros, na ampla fortaleza.

**Chefe Hobtohs** Valente Guerreiro, homem dos Cavek Quiché! Sua palavra disse perante os céus, perante a terra, que eu me lembre de

emprestar as doze águias amarelas, os doze jaguares amarelos que você enfrentou com suas armas. Isso disse a sua palavra. Muito bem, também empresto as doze águias, os doze jaguares amarelos que pedes.

*Guerreiro vai com as águias e os jaguares, executa com eles uma dança guerreira em torno da corte, depois volta ao estrado onde está o chefe com sua família.*

**Guerreiro Quiché** Chefe Hobtohs me dê sua bênção perante os céus, perante a terra. Isso diz minha palavra. Conceda-me, treze vezes vinte dias, treze vezes vinte noites para poder despedir-me das minhas montanhas, dos meus vales, dos meus quatro cantos, onde antes ia procurar o necessário para alimentar-me, para comer. (ninguém responde ao guerreiro, depois, sem voltar ao estrado onde o chefe Hobtohs está sentado, aproxima-se das águias e dos jaguares que ficaram no meio da corte em volta do altar). Oh! Águias e jaguares! Venham então cumprir a sua missão, cumprir o seu dever, que os seus dentes, que suas garras me matem porque sou o guerreiro chegado das minhas montanhas, dos meus vales. Que os céus e a Terra estejam com todos! Oh águias! Oh jaguares!

As águias e os jaguares rodeiam Quiché Vinak, estendem o guerreiro na pedra do sacrifício para abrir seu peito enquanto todos os presentes dançam em roda. ☆

**Notas**

- 1 Tradução baseada em quatro fontes: Rabinal-Achi ou Le Drame-Ballet Du Tun de Charles Étienne Brasseur de Bourbourg (1862). El Varón de Rabinal de Luiz Cardoza y Aragón (1930). Rabinal Achi de Gerardo Luzuriaga e Richard Reeve (1975). Quiché Vinak: tragedia de Anita Padial e Manuel Vásquez-Bigi (1991).
- 2 Em maia arcaico: Cakyug-Zilic-Cakocaonic-Tepanic
- 3 “Vorom ahau” em quiche; vorom = penetrador. Brasseur traduz como infame, associando-o à prática da sodomia.
- 4 Entregar-se à morte ou a uma pessoa, render-se. (Luzuriaga/Reeve 1994, p. 46)
- 5 Os Yaqui ou Yoeme são uma tribo [indígena dos Estados Unidos e do México](#) que vivia originalmente no vale do [rio Yaqui](#) no norte do estado [mexicano](#) de [Sonora](#).
- 6 A versão do abade Brasseur privilegia a religião ocidental por motivos óbvios.
- 7 Tapichol em maia antigo: “passarinho que canta como os rouxinóis”. (Cardoza. 1930, p 484)
- 8 Nove cojunturas, nove árvores: lugar de uma grande derrota Quiché segundo Brasseur.
- 9 Sistema de montanhas ao norte de Rabinal.
- 10 Tributos que a cidade de Rabinal pagava aos Quichés.
- 11 “Nas folhas secas”, lugar de altas montanhas nevadas ao Oeste de Quiché, perto da atual Soloma.
- 12 Deus dos terremotos na mitologia quiche. (Miguel Angel Astúrias 1995, p 223)
- 13 “Entre os canaviais gigantes”.
- 14 “Cal branca melhorada.”
- 15 “Debaixo da caverna das reseçadas espigas amarelas.” (?)
- 16 Lugar perto da planície de Rabinal.
- 17 “Pedra de cal” segundo Brasseur, perto da planície de Rabinal.
- 18 Mansão das amarrações, prisão.
- 19 Ladeira coberta de ruínas, aproximadamente à 10 km de Rabinal.
- 20 “Beija-flores (lanças) enterrados (escondidas)”. Lugar além da cidade de Salamá.
- 21 Povoado “os mata sadios” perto do lago Atitlán.
- 22 Pode ser a atual Tzacualpa ou a Pamaca (na água quente) do Popol Vuh.
- 23 “Chuvoso” deus tribal Quichés, os banhos ficam no sudoeste da cidade de Cubulco.
- 24 “Mansão da ponta” e “Rochas abarbadadas” perto do povoado de São Raimundo.
- 25 “Bruxo gavião”, o gavião é o mensageiro do deus Hurakán.
- 26 “Na costa das verdes canhas”.
- 27 “Os pudicos”.
- 28 “Vale cheio de ervas e sapoti vermelhos”.